

Elvira Archer

Entrevistada por Maria Augusta Silva

NOVEMBRO 1993

Soprano. Voz expressiva. Afirma-se também atriz por vivência: «O embrião do som tem em si mesmo a declamação. Tudo deve nascer do nosso centro psíquico, para tocar as pessoas».

Como é possível ser artisticamente tão versátil?

Talvez pelo meu espírito empreendedor, uma grande intuição e abertura às coisas novas. É uma questão de entrega.

Gosta de entregar-se aos outros?

Quando acho que vale a pena, quando há interesse recíproco ou se alguém necessitar de ajuda.

O futuro do Homem terá de passar pelo reforço da solidariedade?

Se não houver colaboração, se prevalecerem os interesses individuais, não chegaremos a lado nenhum.

O palco é uma forma de estar solidário?

Com certeza. Através do público e dos colegas. Perante o público, a espontaneidade estabelece a ponte. No palco, lidamos com reações psíquicas. É uma janela aberta. Com os colegas, é o exercício constante do respeito, da admiração e da ajuda. Em tudo, há sempre maneira de nos darmos.

Tem encontrado sempre um ambiente de amor e admiração?

Nem sempre, mas talvez, positivamente, oitenta por cento. Com pessoas de inquestionável valor, nunca tive dificuldades; quando surgem, partem de pessoas de carácter menor.

Por que optou, a dado momento, por viver mais na Alemanha?

Tive um contrato para a Ópera de Krefeld. Um público que muito me acarinhou. Fala-se do temperamento frio dos alemães; nunca o senti. São gente grata para com os protagonistas da cultura. Gostam de estimular os artistas. Muitas vezes me deixaram cartões assim: «Bravo, Frau Archer!»

O público português não é grato?

Há uma diferença: não sente tanto a obrigação de incentivar os artistas.

Por distanciamento cultural?

Pode ser essa a razão.

Culpa do público ou da falta de motivações para valores culturais?

Muita falta de motivação. Os *media* deviam influenciar, com programas culturais, de forma que as pessoas interiorizassem o belo, tão necessário como o pão. De contrário, vive-se à superfície. As artes, sendo criatividade, são uma âncora.

É uma pessoa extrovertida?

Sou. Faz-me muita falta comunicar. Por isso me decidi pelo palco e o canto.

Onde ficou o piano que aprendeu a tocar em criança?

Deu-me um *back-ground* muito útil, mas não é o meu grande companheiro, sem haver nisto qualquer sentido depreciativo.

Dá concertos acompanhada ao piano...

Mas não sou eu a pianista!

O piano não acabou por ser a sua «muleta», na preparação de ópera tão difícil como a «Kiu»?

Quando vim ao São Carlos, em 87, interpretar a *Kiu* (primeira audição em Portugal), não fora o piano e não teria podido estudar a peça sozinha, num momento em que não tinha meios para pagar a quem me ajudasse.

Ao fim de quase vinte anos de carreira, que papel lhe foi mais difícil?

O de Carol, na *Kiu*. Exigia um certo heroísmo. O êxito recompensou-me, mas nunca mais a interpretei.

Gostaria de a repetir?

Seria um desafio. E nunca me poupo ao trabalho que as coisas fortes exigem.

Que outras interpretações a marcaram?

A *Traviata*, por exemplo. E operetas, como *O Conde de Luxemburgo* e *Giuditta*, distinguidas com prémios da Imprensa.

A opereta faz parte do seu ego. Tenciona voltar a ela?

Tenho um projeto para concretizar em Portugal.

Que projeto?

Fui convidada para diretora artística do projeto de opereta inscrito em Lisboa Capital da Cultura-94. O convite partiu da produtora Música Maestro, chefiada por Guida Abrantes. Estou já a trabalhar nele. Penso levar, numa primeira audição em Portugal e em língua portuguesa, a opereta berlinense *Feliz Viagem*, de Eduard Künneke. A tradução, de Fernando Serafim, está quase pronta.

Alguma temática nessa «Feliz Viagem»?

A da emigração. E o público anda sedento de espectáculo ligeiro, mas qualificado.

As suas investigações sobre Viana da Mota pararam?

De maneira nenhuma. Mas não tive outra oportunidade de voltar ao Brasil para pesquisar o que julgo ser a última pista sobre composições de Viana da Mota. O que investiguei até hoje marcou toda a minha vida.

E a música de câmara?

Tenho feito coisas, incluindo peças para uma voz e quarteto de câmara.

A sua voz, que tal vai?

Sinto-a bem. Apenas gostaria de ter mais oportunidades em Portugal, porque sou uma pessoa de palco. Não sou eu só a queixar-me. Então, em vez dos queixumes, estou a dar todo o meu esforço para conseguir fundar uma companhia portuguesa de opereta.

Seria a realização total da sua paixão congénita pela teatralização?

De certa maneira. E também a realização do sonho de meu marido (o ator e encenador Hans Heinz Franck), que, infelizmente, já não pôde concretizá-lo.

E a pantomima?

Foi um trabalho que desenvolvi na Áustria, quando era estudante. Uma ótima base para redobrar a intuição sobre o espaço e os movimentos em palco.

Atriz por excelência?

Por vivência. O embrião do som tem em si mesmo a declamação. Tudo deve nascer do nosso centro psíquico, para tocar as pessoas.

Sonhadora incorrigível?

Sonho com os pés bem assentes na terra. Ou não fosse Capricórnio!

© *MARIA AUGUSTA SILVA*